

Um “código underground” na sociedade multilingue alemã: *kanak sprach*

Elcio Loureiro Cornelsen¹

Universidade Federal de Minas Gerais

1. Introdução

As relações multiculturais dentro de uma dada sociedade passam, necessariamente, por relações comunicacionais. Determinados grupos minoritários com histórico de imigração, dentro de uma sociedade totalizante, podem desenvolver modos de comunicação e expressão específicos que afetam, diretamente, a linguagem, gerando, muitas vezes, variantes de uma dada língua. Em sua complexidade, tais variantes não se configuram apenas como “socioletos”, mas tornam-se modos de expressão e de representação sócio-étnico-culturais.

De início, cabe ressaltar que um estudo dessa natureza implica também a consideração de noções como “identidade”, “alteridade”, “multiculturalidade”, “isolamento” e “discriminação” – de uma vida “*in between*” (Homi Bhabha), numa sociedade multilingue como a alemã na contemporaneidade.

Nesse sentido, constata-se a presença de uma tendência na Literatura Alemã Contemporânea, na qual a multiculturalidade e a diversidade étnica e cultural na Alemanha são enfocadas a partir de duas posturas distintas: uma postura que tende à harmonização dos grupos étnicos e das culturas envolvidas, gerando o respeito mútuo às diversidades e levando à integração ao meio totalizante, além de evidenciar a falta de sentido de atitudes que não respeitam a diversidade; uma segunda postura que se pauta pelo isolamento espaço-cultural de determinados grupos étnicos, minado pela violência e pela exclusão, ou mesmo que se orienta pela confrontação entre os grupos, culminando com atos de violência e discriminação mútua.

A “interculturalidade” e o “multilinguismo” são temas centrais de nosso tempo. A vida em conjunto de membros de diversas culturas num mesmo espaço reduzido caracteriza as sociedades modernas. O conceito de “interculturalidade” designa a relação de comunicação e interação entre duas ou mais culturas. Numa situação de interação cultural, a relação entre culturas pode ser de respeito mútuo (desconstrução de estereótipos; tolerância e

¹ Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq.

entendimento) ou de conflito (reforço de estereótipos; rejeição e discriminação). Como ressalta Zilá Bernd, o embate cultural se estrutura, basicamente, por uma “aporia fundamental”: “afirmar-se e excluir o outro (ou seja, a afirmação das identidades passa pela negação das alteridades), ou desistir de se nomear e desaparecer”. (Bernd 2002, 36)

Em termos conceituais, por um lado, “interculturalidade” pode ser considerada como designação de relações assimétricas entre culturas subalternas e culturas e grupos sociais hegemônicos. De acordo com o contexto social, tais relações podem ser harmoniosas, mascaradas pelo respeito mútuo, ou conflitantes, marcadas por rejeição e discriminação. Por outro, “interculturalidade” pode ser considerada como princípio normativo que busca formas de relações harmoniosas a partir do reconhecimento mútuo das diferenças.

Na literatura alemã contemporânea, a chamada “novíssima literatura alemã” (*neueste deutsche Literatur*), identifica-se uma tendência que se assemelha àquilo o que Homi Bhabha define como “contra-narrativas da nação que continuamente evocam e rasuram suas fronteiras totalizadoras — tanto reais quanto conceituais — perturbam aquelas manobras ideológicas através das quais ‘comunidades imaginadas’ recebem identidades essencialistas”. (Bhabha 1998, 211) E, como bem observou Stuart Hall, o processo identitário não é essencialista, mas sim dinâmico, pois, “paradoxalmente, nossas identidades culturais, em qualquer forma acabada, estão à nossa frente. Estamos sempre em processo de formação cultural. A cultura não é uma questão de ontologia, de ser, mas de se tornar”. (Hall 2003, 44) Desse modo, a identidade em construção se estabelece por um jogo de forças marcado tanto pelas origens e tradições partilhadas pelo indivíduo dentro de um determinado grupo, quanto pelo contato desse indivíduo com o outro:

[...] A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. É definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora “narrativa do eu”. A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados

por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente. (Hall 2005, 12-13)

Além disso, obras de escritores como Feridun Zaimoğlu, Gregor Tessnow, Wladimir Kaminer, entre outros, possibilitam-nos pensar o processo de negociações culturais – harmoniosas ou conflitantes – em relação tanto à cultura pretensamente totalizante e hegemônica quanto às culturas minoritárias. Nesse sentido, orientamo-nos, aqui, pelo procedimento designado por Homi Bhabha de “DissemiNação”: “um exercício teórico nas contradições internas da nação liberal moderna”. (Bhabha 1998, 210)

Este é o caso da chamada *kanak sprak* em sua relação com o idioma alemão, ou seja, a língua do *Kanake*, um “etnoleto” (Schramm 2011), segundo o jornalista e escritor turco-alemão Feridun Zaimoğlu, “um rótulo que, após mais de 30 anos de história de imigração turca não é apenas uma palavra de ofensa, mas também um nome que é usado com orgulhoso despeito por ‘filhos de *Gastarbeiter*’ da segunda e, sobretudo, da terceira geração”. (Zaimoğlu 2007, 9)² Nesse sentido, nossa contribuição visa a um breve estudo sobre esse “código underground” (*Untergrund-Kodex*; Zaimoğlu 2007, 13), como Feridun Zaimoğlu o define, tomando para isso as obras *Kanak Sprak – 24 Mißtöne vom Rande der Gesellschaft* (1995) e, respectivamente, *Kopf und Kragen – Kanak-Kultur-Kompendium* (2001).

2. Uma “contra-narrativa da nação” (I): *Kanak sprak*, de Feridun Zaimoğlu

O escritor Feridun Zaimoğlu nasceu em 04 de dezembro de 1964 na cidade de Bolu, na Turquia. Quando ainda era bebê de colo, seus pais emigraram para a Alemanha, residindo em Berlim e Munique, e, por fim, na cidade de Kiel, no Mar Báltico, onde o escritor reside até hoje. Além de contribuir para diversos jornais e revistas como crítico literário e ensaísta, entre outros, *Die Zeit*, *Die Welt*, *Der Tagesspiegel*, Feridun Zaimoğlu publicou várias obras em que

² Salvo outra indicação, todas as traduções dos textos de Feridun Zaimoğlu ao longo do presente estudo são de nossa autoria. No original, temos: „Kanake, ein Etikett, das nach mehr als 30 Jahren Immigrationsgeschichte von Türken nicht nur Schimpfwort ist, sondern auch ein Name, den ‚Gastarbeiterkinder‘ der zweiten und vor allem der dritten Generation mit stolzem Trotz führen.“

aborda o tema da multiculturalidade na sociedade alemã contemporânea, em geral, dando voz aos excluídos.

Em seu primeiro livro, *Kanak Sprak. 24 Mißtöne vom Rande der Gesellschaft* (1995; “Língua *kanake*. 24 tons desafinados da margem da sociedade”), Zaimoğlu apresenta de maneira autêntica a força subversiva da linguagem falada por jovens de origem turca na Alemanha. Partindo de tal perspectiva, o escritor se volta contra o discurso do “multiculturalismo” como modo de apagamento aparente das diferenças, que encobre as mazelas da sociedade e os preconceitos dela decorrentes. Além de *Kanak Sprak*, dentre suas obras, destacam-se o romance *Abschaum* (1997; “Escória”), o drama *Drei Versuche über die Liebe* (2003; “Três experimentos sobre o amor”), a coletânea de contos *Zwölf Gramm Glück* (2004; “Doze grammas de sorte”), o romance *Liebesbrand* (2008; “Amor ardente”), e *Kopf und Kragen: Kanak-Kultur-Kompendium* (2001; “Arriscando o pescoço: compêndio de cultura *kanake*”), uma miscelânea de textos que reúne reportagens, contos, retratos de artistas e entrevistas.

A título de exemplo de análise, elegemos o capítulo „Ich bin, der ich bin“ (“Eu sou quem sou”), de *Kanak Sprak* (Zaimoğlu 2007, 91-96) no intuito de interpretar o modo como Feridun Zaimoğlu apresenta o tema da multiculturalidade na sociedade alemã contemporânea.

O referido texto se estrutura como uma espécie de entrevista entre um “Du” (“tu”, “você”), e um “Ich” (“eu”), mais se assemelhando a uma reportagem jornalística. O tom da entrevista é coloquial, com certos desvios da chamada “língua padrão” em termos gramaticais. As pontuações também não são observadas e, graficamente, também há peculiaridades, pois as iniciais dos substantivos são escritas com letra minúscula. Além disso, como em todos os capítulos do livro, há a indicação daquele que foi entrevistado, constando nome, idade e atividade que desempenha: “Hasan, 13, Streuner und Schüler” (“Hasan, 23 anos, arruaceiro e estudante”; Zaimoğlu 2007, 91). Do modo como o texto está estruturado, a fala de Hasan engloba tanto o “eu” como o “tu”, Feridun Zaimoğlu, como aquele que fez a entrevista. Portanto, não há troca de turno, mas sim tão somente a síntese de perguntas e respostas na própria fala de Hasan, que produz um “diálogo monologal”.

Cabe lembrar que “Ich bin, der ich bin” („Eu sou quem sou“) é um dos “24 tons desafinados da margem da sociedade”, anunciados pelo subtítulo do livro. No capítulo introdutório, intitulado “Kanak Sprak” (“Língua *kanake*”), Feridun Zaimoğlu procura dar

conta de tal expressão: “Como se vive enquanto *kanake* na Alemanha? Era a questão que eu formulei tanto para mim quanto para outros”. (Zaimoğlu 2007, 9)³

Portanto, o jovem Hasan enuncia sua história a partir dessa posição à margem da sociedade, como *kanake*. Seu linguajar é repleto de gírias e expressões de baixo calão, e seus argumentos expressam, ao mesmo tempo, a revolta do adolescente numa sociedade excludente e a violência que perpassa o ambiente em que vive. Segundo ele, só há um modo de viver: como um verdadeiro “fighter”:

Então, você ouve de mim, eu percebi toda a merda que corre: você é o *fighter* e faz as tuas rondas e cospe o catarro dos malditos pulmões, e faz dele uma bela forma com uma ponta no final e diz para os arruaceiros: amigos, não comigo, comigo não, e eles captam como algo nada bom para eles. (Zaimoğlu 2007, 92)⁴

Dessa forma, Hasan quer se impor feito um combatente numa guerra urbana. E para essa guerra cotidiana, em que a violência está arraigada em seu próprio ambiente, ele precisa de um nome: “E eles dizem: ei, cara, cê tá bem, como cê qué que nós te chamemos? E eu digo: Eu sou quem sou!” (Zaimoğlu 2007, 92)⁵ Segundo o adolescente, seu nome teria sido extraído de um filme policial, quando um “tira” (*cop*) foi interpelado por alguém em seu caminho e respondeu: “baby, eu sou quem sou, e o que você tá fazendo na área?” (Zaimoğlu 2007, 92)⁶ Para Hasan, o mais importante é se impor no “gueto” em que vive: “A gente tem de fazer com que os arruaceiros te reconheçam de longe, como se você fosse um velho farol; importante é quem faz a pergunta: você tá de bobeira por estas bandas?” (Zaimoğlu 2007, 92)⁷ Se impor se torna uma questão de sobrevivência num meio perpassado pela violência: “pois eu te digo: a água repousa, mas o inimigo nunca, assim se diz entre nós, você tem de aprender

³ No original, temos: „*Wie lebt es sich als Kanake in Deutschland*, war die Frage, die ich mir und anderen gestellt habe.“

⁴ No original, temos: „Also, du hörst es von mir, ich hab mir den ganzen mist was abläuft gemerkt: du bist der fighter und drehst fein deine runden und nimmst die puste aus deinen verdammten lungen, und machst draus ne schöne form mit nem spitzen ende und sagst den hängern: freunde, nicht mit mir, mit mir nich, und die kapiieren wie nix gutes.“

⁵ No original, temos: „Und die sagen: du bist auf'm damm, mann, wie willst du, dass wir dich nennen? Und du sagst: ich bin, der ich bin!“

⁶ No original, temos: „baby, ich bin, der ich bin, und was machst du in der gegend.“

⁷ No original, temos: „Man muss die hänger dazu bringen, dass sie dich von weitem erkennen als wärst du ne olle (alte) ampel, wichtig is, wer die frage stellen darf: was hängst du hier rum?“

a espreitar para ver se dobrar a esquina, realmente, traz algo, porque lá, talvez, um arruaceiro já esteja de prontidão pra cortar a tua garganta”. (Zaimoğlu 2007, 94)⁸

Na sua condição de “filho de *Gastarbeiter*”⁹ (“*Gastarbeiterkind*”), Hasan reflete sobre a educação que recebe, e também sobre a sociedade alemã como um todo. Para o estudante, o professor é o “alemão superior” (“*oberdeutsche*”); (Zaimoğlu 2007, 95), que tenta inculcar nele algo que não o levará a lugar nenhum. Hasan não se sente em casa na Alemanha, pois se considera estrangeiro e não reconhece o país como sua pátria de fato:

O alemão não entende, e a minha preocupação também não deve ser que eles entendam, esse país aqui pertence a eles, eles tem seus velhos nichos, e o dinheiro é o que os aquece, mas eu não estou mais lá, de onde eu venho, e também não pertenço ao lugar onde fico vadiando, mano, é como se ouvisse falar um maldito poeta, mas foi prometido ao senhor deus, o que se passa aqui na área e em outra parte. (Zaimoğlu 2007, 95-96)¹⁰

Por fim, Hasan tenta definir o que ele entende por “alemão”:

Os alemães precisam ter algo o que odiar, para que curtam isso feito um cão ao roer os ossos, e se eles não tem nada para morder, então eles ficam com uma raiva e pegam fogo. Você está ouvindo isso de mim, mano, não se esqueça, você está ouvindo a velha e boa verdade de um velho *kanake*, que os arruaceiros não conseguiram vencer, eu conheço os meandros, eu sei o que é uma moeda, e o que é simplesmente um bom entulho. Aqui eu sou a área. (Zaimoğlu 2007, 96)¹¹

Como mencionado anteriormente, o adolescente Hasan é apenas um daqueles que engrossam o coro dos “24 tons desafinados da margem da sociedade”. Seja o rapper Abdurrahman, de 24 anos, Akay, o jovem de 29 anos que trabalha no mercado de pulgas,

⁸ No original, temos: [...] also ich sag dir: das wasser schläft, der feind nimmer, heißt doch so bei uns, du musst lernen, im rechten winkel zu lügen (expreitar), ob um die ecke gehen wirklich was bringt, weil da ja vielleicht ’n hänger dir die gurgel (garganta, goela) putzen möcht, [...].

⁹ Entre 1955 e 1973, na República Federal da Alemanha, milhões de trabalhadores estrangeiros de diversos países (Portugal, Grécia, Itália, Turquia, Iugoslávia) foram contratados para trabalhar em fábricas e repartições. Estes eram designados de “*Gastarbeiter*” (literalmente, “trabalhadores convidados”).

¹⁰ No original em alemão, temos: „Der deutsche kapiert das nicht, meine sorge soll das auch nicht sein, dass sie das in’n kopf kriegen, ihnen gehört das land hier, sie haben ihre ollen nester, und das geld is ihr wärmesponder, ich aber bin nicht mehr da, wo ich herkomme, und nich, wo ich hier rumlungere, hört sich an wie’n verdammter dichter, bruder, aber es is auf gott den herrn geschworen, was abläuft in der gegend und woanders.“

¹¹ No original, temos: „Die deutschen müssen was zu hassen kriegen, damit sie wie’n köter an’m knochen knaupeln daran, und wenn sie nix zu beißen haben, kriegen die ne wut und zünden an. Du hörst das von mir, bruder, vergiß das nich, du hörst die gute alte wahrheit von nem ollen kanaken, den die hänger nich gekriegt haben, ich kenn die masche, ich weiß, was ne münze is und was richtig gut schotter. Bin hier die gegend.“

Faruk, de 26 anos, desempregado, Erkan, 24 anos, gícolô, todos os entrevistados de Feridun Zaimoğlu falam da sociedade alemã como uma instância que não os acolhe. *Kanak Sprak*, portanto, assume uma função de denúncia, e, como o próprio autor afirma categoricamente ao final do capítulo introdutório, “aqui, apenas o *kanake* tem a palavra”. (Zaimoğlu 2007, 18)¹²

3. Uma “contra-narrativa da nação” (II): *Kopf und Kragen*, de Feridun Zaimoğlu

Em 2001, Feridun Zaimoğlu publicou *Kopf und Kragen: Kanak-Kultur-Kompendium* (“Arriscando o pescoço: compêndio da cultura *kanake*”), obra que reúne reportagens, contos, retratos de artistas e entrevistas. O próprio título alude a uma expressão idiomática em alemão, “sich um Kopf und Kragen reden”, que significa algo como “arriscar o pescoço com conversa descuidada”, ou “falar-se em apuros”.

A título de exemplo de análise, selecionamos o capítulo “Kanak Attack: Rebellion der Minderheiten” (“Ataque *kanake*: rebelião das minorias”), (Zaimoğlu 2006, 8-21) de *Kopf und Kragen*. Logo no início do capítulo, Feridun Zaimoğlu apresenta sua chegada à Alemanha:

Em julho de 1965, após três dias e três noites num trem especial superlotado na rota dos trabalhadores imigrantes, minha mãe, mais morta do que viva, chegou com seu filho, que estava à época com sete meses de vida, na estação central de Munique. Meu pai se desvencilhou da multidão na plataforma, e mal eles se abraçaram e trocaram algumas palavras de reencontro, foram conduzidos ao abrigo antiaéreo na plataforma 11. Poucas horas depois, a família reunida estava num dos vários vagões de transporte que rumavam para Berlim. [...] (Zaimoğlu 2006, 8)¹³

Desse modo, o autor estiliza sua própria chegada à Alemanha, um bebê que, inconscientemente, já havia passado pela provação, juntamente com seus pais, de ter deixado a terra natal rumo a uma nova vida na Alemanha, com uma nova língua e cultura. Ao olhar do adulto, a viagem-travessia a um mundo novo e incerto foi marcada por dificuldades:

¹² No original em alemão, temos: „Hier hat allein der Kanake das Wort.“

¹³ No original, temos: „Im Juli 1965, nach drei Tagen und drei Nächten im überfüllten Sonderzug auf der Wanderarbeiterstrasse, kam meine Mutter eher tot als lebendig mit ihrem damals sieben Monate alten Sohn im Münchner Hauptbahnhof an. Mein Vater löste sich aus der Menschenmenge auf dem Bahnsteig, und kaum, dass sie sich umarmt und verlegene Wiedersehensworte gefunden hatten, wurden sie auch schon in den Luftschutzbunker am Gleis 11 heruntergeführt. Wenige Stunden später saß die zusammengeführte Familie in einem der vielen Transportwaggons auf der Fahrt nach Berlin. [...]“

[...] Minha mãe tomara precauções para a longa viagem e enchera quase uma dúzia de mamadeiras com alimento para o bebê. Mas como ela não as guardara numa sacola térmica, o leite azedou no meio do trajeto. Por razões desconhecidas, também o leite de seu peito secara, talvez pelo fato de que ela havia contado com uma recepção mais oficial, ou talvez tenha sido culpa do ar condicionado defeituoso, que parou de funcionar pouco depois da partida de Istambul. (Zaimoğlu 2006, 18)¹⁴

Constatamos, de início, que a linguagem utilizada neste capítulo do livro *Kanak Attack* é a do alemão padrão, em que não aparecem as expressões da *Kanak Sprach*. Isso se deve ao fato de que o capítulo em questão destina-se à apresentação da chegada do autor e de sua família à “Terra Prometida” (“verheißenes Land”, Zaimoğlu 2006, 8), bem como à apresentação dos rumos que a família tomou na Alemanha.

Um aspecto fundamental para se entender essa obra de Feridun Zaimoğlu é a própria diversidade étnico-cultural de sua família: a mãe era quirquizia, descendente de um povo da região do Cáucaso; o pai era um refugiado dos Bálcãs; Feridun nascera na Anatólia; e sua irmã mais nova nascera em Berlim. Assim, aos olhos dos outros, de modo generalizado, tratava-se de uma família turca. Falar de si e de sua família, portanto, possibilitou ao escritor poder refletir não só sobre essa diversidade de origem, como também perceber a própria formação multiétnica da sociedade alemã.

Todavia, como o próprio Feridun Zaimoğlu ressalta, não se trata de apresentar um caso isolado a partir de sua família e de sua infância, mas sim do destino de várias famílias de “Gastarbeiter”, conforme indica a seguinte passagem do texto:

[...] Eu não falo apenas de um aspecto de minha infância, eu falo de milhares e milhares de famílias de *Gastarbeiter* que chegaram nas primeiras levas, eu falo de barracões embolorados destinados aos trabalhadores, dos bolsões nos blocos dos fundos e dos casebres miseráveis, nos quais nós crescemos, nós – os filhos dos imigrantes. [...] (Zaimoğlu 2006, 14)¹⁵

¹⁴ No original, temos: „[...] Meine Mutter hatte zwar für die lange Reise Vorkehrungen getroffen und fast zwei Duzend Nuckelflaschen mit Babynahrung abgefüllt. Doch weil sich keine Kühltasche auftreiben ließ, verdarb sie auf halber Strecke. Aus unerfindlichen Gründen war auch ihre Brustmilch versiegt, vielleicht lag es daran, dass sie mit einem offizielleren Empfang gerechnet hatte, vielleicht war auch die defekte Heizung schuld, die kurz nach der Abfahrt aus Istanbul ausfiel.“

¹⁵ No original, temos: „[...] Ich spreche nicht nur von einem Aspekt meiner Kindheit, ich spreche von tausend mal tausend Gastarbeiterhaushalten der ersten Stunde, ich spreche von den verschimmelten Arbeiterbaracken,

Ao investir em um “nós” como instância narrativa, o autor assume uma espécie de voz coletiva, que fala como representante de uma “comunidade imaginada”, cujas inúmeras dificuldades iniciais na nova terra marcaram também as gerações futuras. É a partir dessa perspectiva que Feridun Zaimoğlu entenderá a própria formação da *kanak sprach*, conforme a seguinte passagem do texto:

E mais uma vez, a gente deve imaginar algo assim: pessoas que abandonam a própria língua sentem-se desalojadas, em casos extremos até mesmo mortas. E seus filhos e netos, os rebentos de uma primeira geração, cuja língua está sedada, exercitam-se não apenas em Alemão, mas também em muitas articulações linguísticas. A manifestação linguística de nossa mobilização se chama *kanak sprach*, quer dizer, a algaravia babilônica de uma geração sem dúvida atingida, sem dúvida que chama a atenção, pela qual este país realmente esperou. Nela encontram-se partes de dialetos do espaço rural e empréstimos do Turco padrão, bem como as gírias em *stacato* da rua e das cenas das grandes cidades. (Zaimoğlu 2006, 15)¹⁶

Portanto, tais características linguísticas da *kanak sprach*, conforme descrição do autor, resultam do contato entre o Turco padrão, os dialetos das aldeias turcas, o Alemão padrão e a linguagem urbana. Cabe ressaltar que, por duas vezes nessa passagem, Feridun Zaimoğlu emprega o termo *Zunge* no sentido de *Sprache*, nas expressões “zungenbetäubt”, algo como “língua sedada”, e “Zungenschläge”, “articulações da língua”. Isso se deve ao fato de que, do mesmo modo como nas línguas românicas, o Turco apresenta apenas uma única palavra para “Sprache” e “Zunge”. Isso, aliás, já havia sido destacado pela escritora turco-alemã Emine Zevgi Özdamar em *Mutterzunge* (“Língua materna”; Özdamar 1991, 7), ao invés de “Muttersprache”. Aliás, isso pode ser constatado também no emprego de elementos do Turco, por exemplo, no emprego das palavras “alemania” e “alemanne(n)”, transliterações de termos

von den Hinterhausbuchten und den Elendkabuffs, in denen wir groß geworden sind, wir – das sind die Zuwandererkinder. [...]“

¹⁶ No original, temos: „Und noch einmal, man muss sich das vorstellen: Menschen, die die eigene Sprache verlassen, fühlen sich evakuiert, in extremen Fällen sogar entleibt. Und ihre Kinder und Kindeskinde, die Sprosse einer zungenbetäubten Ersten Generation, üben sich nicht nur im Deutschen, sondern auch in vielen Zungenschlägen. Die sprachliche Manifestation unserer Mobilmachung heißt Kanak Sprach, das ist das babylonische Kauderwelsch einer unbedingt auffälligen, unbedingt angestoßenen Generation, auf die dieses Land wirklich gewartet hat. Darin finden sich Brocken aus dörflichen Dialekten und Anleihen aus dem Hochtürkischen genauso wie das metaphorreiche Slang-Stakato der Straße und der Großstadtszenen.“

turcos para “Deutschland” e, respectivamente, “Deutsche”, como bem aponta Hope A. Campbell. (Campbell 2015, 60)

Para Feridun Zaimoğlu, a *kanak sprak*, considerada no campo dos estudos linguísticos como um código que se desvia da norma padrão, empregado por jovens da primeira e da segunda geração, (Bücker 2007, 18) representa um enriquecimento cultural:

Não quero, neste ponto, apresentar um longo discurso linguístico a respeito, uma vez que a beleza e a força da língua são apreendidas pelos ouvidos daqueles que a ouvem. Quero dizer apenas isso: *kanak sprak* significa profusão de imagens, ela traz agilidade nas modalidades, ela lança frescor ao ramo. Os setores culturais se enterraram e se sedimentaram demais entre a narcose da classe média e a perspicácia. Se é, pois, assim mesmo como se diz, que as verdadeiras posturas e tendências vêm da rua, então uma camada baixa de emigrantes está pronta para estourar um fogo de artifício na agitação cultural. (Zaimoğlu 2006, 15)¹⁷

Portanto, na visão de Feridun Zaimoğlu a língua é parte da “mobilização” (“Mobilmachung”, no jargão militar) cultural de auto-afirmação. E essa postura de enfrentamento é externada pelas seguintes palavras: “[...] e nós tomamos aqui uma fraçãozinha quântica de honra e acolá um décimo de trabalho de acorde, a fim de nunca mais crepitar novamente no barracão de onde viemos”. (Zaimoğlu 2006, 17)¹⁸

4. Conclusão: a crítica contundente de enfrentamento como “contra-discurso da nação”

Falar de “multilinguagem” (*Mehrsprachigkeit*) na Alemanha, de acordo com Volker Hinnenkamp, implica necessariamente uma discussão, em que medida ela incentiva ou dificulta a integração. (Hinnenkamp 2010, 1) Por sua vez, a ideia de “Integration”, por si só,

¹⁷ No original, temos: „Ich will an dieser Stelle keinen sprachwissenschaftlichen Diskurs anstrengen, zumal sich Sprachpracht und Sprachkraft über die Ohrenzeugenschaft erschließen lassen. Nur so viel: Kanak Sprak meint Bilderflut, sie bringt Fitness in die Modalitäten, sie stemmt Frische in die Branche. Zu sehr haben sich die Kultursektoren zwischen Mittelstandsnarkose und Witzschkeit eingegraben und sedimentiert. Wenn es denn so sei, dass die wahren Trends und Tendenzen von der Straße kommen, so ist nun eine eingewanderte Unterschicht dabei, ein Feuerwerk an Kulturaufregung zu entfachen.“

¹⁸ No original, temos: „[...] und wir nehmen hier ein Quäntlein Ehre und dort einen Zehntner Akkordarbeit, um nie wieder in die Baracke zu kriechen, aus der wir kommen.“

já demanda uma ampla discussão, termo, aliás, apresentado com muito humor no romance *Integrier dich, Opa!* (2008; “Vê se integra, vovô!”), do escritor e cabaretista Şinasi Dikmen. (Dikmen 2008)

Ao postular o conceito de “DissemiNação”, Homi Bhabha considera-o enquanto processo a ser pensado tanto em relação à cultura totalizante quanto às culturas minoritárias. Por assim dizer, os textos-reportagem de Feridun Zaimoğlu apresentam-se como “contra-narrativas da nação”, pois rasuram suas fronteiras totalizantes e, com isso, minam o sentido essencialista da sociedade alemã enquanto “comunidade imaginada” numa expressão de Benedict Anderson. (Anderson 2006, 7)

Nas obras em questão, parece ecoar as ideias de Julia Kristeva: “Inquietar-se ou sorrir, esta é a escolha quando o estranho nos assalta; ela depende de nossa familiaridade com os nossos próprios fantasmas”. (Kristeva 1994, 200) Por assim dizer, Feridun Zaimoğlu inquieta-se, elege como objeto de estudo um xingamento – *kanake* – como marca identitária daqueles que estão à margem da sociedade alemã, não meramente uma margem social, mas também étnico-racial. Pois para o escritor, o *kanake* é “um membro reluzente no grande zoológico das etnias”, que se recusa a acreditar no “conto de fadas da multiculturalidade”. (Zaimoğlu 2001, 14)¹⁹

Em suma: a multiculturalidade é colocada em xeque por esse “contra-discurso” literário, “uma estética genuinamente transnacional”,²⁰ como afirma Yasemin Yildiz (Yildiz 2004). As obras de Feridun Zaimoğlu não propõem respostas ou soluções para os conflitos de ordem social, cultural ou étnica, mas oferecem uma imagem da sociedade alemã a partir do olhar do Outro. E é, justamente, esse olhar que possibilita novos modos de se pensar a sociedade multi-étnica na era globalizada.

Bibliografia

¹⁹ No original em alemão, temos: “ein schillerndes Mitglied im großen Zoo der Ethnien“; „dem Märchen der Multikulturalität“.

²⁰ No original, temos: “eine genuin transnationale Ästhetik”.

- Anderson, Benedict. *Imagined Communities*. London: New Left Books, 2006.
- Bhabha, Homi K. *O local da cultura*, Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- Bernd, Zilá. Enraizamento e errância: duas faces da questão identitária. In: Scarpelli, Marli Fantini; Duarte, Eduardo de Assis (org.). *Poéticas da Diversidade*. Belo Horizonte: UFMG/FALE-Póslit, 2002, p. 36-46.
- Bücker, Tanja. *Ethnoletale Varietäten des Deutschen im Sprachgebrauch Jugendlicher. SASI – Studentische Arbeitspapiere zu Sprache und Interaktion*. Münster, n. 9, 2007, p. 1-125.
- Campbell, Hope A. *Identities in German Migration Literature: a Comparison of ‘Mutterzunge’ and ‘Kanak Sprak’*. Wolfville: Acadia University, 2015.
- Dikmen, Şinasi. *Integrier dich, Opa!* St. Ingbert: Conte-Verlag, 2008.
- Hall, Stuart. Pensando a diáspora: Reflexões sobre a terra no exterior. In: Sovik, Liv (org.). *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003, p. 25-50.
- Hall, Stuart. *Identidades culturais na pós-modernidade*. 10. ed., Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- Hinnenkamp, Volker. Vom Umgang mit Mehrsprachigkeiten. *Aus Politik und Zeitgeschichte*. 16 out. 2010, p. 1-2.
- Kristeva, Julia. *Estrangeiros para nós mesmos*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- Özdamar, Emine Zevgi. *Mutterzunge*. Berlin: Rotbuch, 1991.
- Schramm, Martin. Verhunztes Deutsch oder Sprachkultur? *Wissenschaft und Forschung*. n. 4, 31. Mai 2011. Aus: <http://www.br.de/radio/bayern2/wissen/iq-wissenschaft-und-forschung/gesellschaft/Sprachverfall100.html>; zugegriffen am: 16. November 2015.
- Yildiz, Yasemin. Critically “Kanak”: A Reimagination of German Culture. In: Gardt, Andreas; Hüppauf, Bernd (org.). *Globalization and the Future of German*. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 2004, p. 319-340.
- Zaimoğlu, Feridun. *Kanak Sprak: 24 Mißtöne vom Rande der Gesellschaft*. 7. ed., Berlin: Rotbuch, 2007.
- Zaimoğlu, Feridun. *Kopf und Kragen: Kanak-Kultur-Kompendium*. Hamburg: Rotbuch, 2006.